

Por anno.	13\$000
" Semestre.	8\$000
" Trimestre.	5\$000

A OPINIÃO

Por anno.	15\$000
" Semestre.	9\$000
" Trimestre.	6\$000

Periodico litterario e noticioso

PAZ, JUSTIÇA E LIBERDADE.

Publica-se duas vezes por semana.

Anno I

Corumbá -- 28 de Abril de 1878

N.º 26

G A Z E T I L H A .

UM POUCO DE THEORIA.—Sob a epigraph *Um pouco de theoria* publicou a *Republica* da côrte o seguinte bem elaborado artigo, para o qual chamamos a attenção dos politicos.

Eil-os:

• Os nossos adversarios politicos manejam invariavelmente contra o principio republicano um argumento pharisaico.

• A forma de governo que desejais, dizem elles, é sem duvida a melhor e a mais consentanea com a razão no dominio da theoria, mas reclama, para ser praticada, uma somma tal de virtudes e abnegações, exige tanto progresso e adiantamento da parte do povo, que, na mór parte dos paizes, não será por muito tempo mais do que uma aspiração de futuro.

• Quereis ver, porém, a flagrante contradicção desses argumentadores?

• Elles admittem a co-existencia do principio monarchico com todas as liberdades que a democracia reclama.

• Desde a liberdade do ensino até a liberdade da consciencia, desde a electividade do encarregado da segurança publica até o magistrado que applica a lei e decreta o direito nas pendencias judiciaes, elles comprehendem a necessidade de fazer preponderar o elemento electivo.

• Entre todos os poderes só um escapa a essa regra invariavel da organização social—é o monarchico, mas não ideal dos dialecticos da monarchia, o rei desde que acha-se confido na orbita de suas attribuições constitucionaes, não governa, não faz mais do que assignar os actos de seus ministros.

• Apertados pelo rigor do raciocinio, acrescentam — a monarchia constitucional, verdadeiramente, tal quasi que não differe da republica.

• Ora, vejamos o valor de semelhantes argumentos.

• Se o principio delegativo deve entrar na economia de todos os poderes politicos; se a monarchia constitucional é compativel com todos os progressos e exigencias da democracia,

como é que fazeis adopção deste regimen pela razão de que o governo republicano reclama, para ser praticado, todos esses progressos e exigencias que pretendeis satisfazer no regimen monarchico?

• Se reconheceis que reformas radicaes e capazes de annullar virtual se não positivamente a influencia do rei são necessarias, reconheceis por isso mesmo, que sem ellas não é de modo algum toleravel o regimen monarchico. Ora, na constancia dessas reformas, isto é, no regimen de liberdade plenas, que papel representa a instituição monarchica?

• O de occupante de um lugar contra impacientes e perigosas ambições? Mas não se comprehende que um povo habilitado para compôr pelo exercicio livre de seu voto todos os corpos do Estado, sómente não o esteja quando se trata de nomear o supremo magistrado que aliás é a menor de todas essas forças em um regimen verdadeiramente livre.

• E entretanto essa especie de hesitação logica é o que os homens da monarchia chamam o *desconhecido*!

• Parece que os povos como os individuos são sujeitos a essas preoccupações pueris.

• Mas em virtude de que autoridade logica, achaes habilitado este povo para viver no regimen das mais amplas liberdades no dominio da monarchia e não lhe reconheceisiguaes aptidões para o regimen republicano?

• Onde está essa formidavel transição de que sincera ou simuladamente vos dizeis recciosos?

• E' sempre o mesmo o phenomeno que se observa na marcha de todo o progresso e na posse e investidura de todas as idéas novas.

• Affigura-se aos homens habituados a um certo meio de locomoção, v. g. que é impossivel haver algum outro mais perfeito e que possa offerecer as mesmas condições de segurança.

• Depois de hesitações e quasi de porfiada lucta, a idéa nova levou de vencida o systema antigo e que lhe não pôde resistir.

• Apoz as primeiras experiencias e passado o injustificado sobresalto, os

propios que se oppunham tenazmente á adopção do novo invento, ficam surpresos da obsecção incomprehensivel do seu espirito.

• Tal é a marcha uniforme e invariavel da humanidade em todas as suas manifestações.

• Sabemos que de presente vogam, como de lei, theorias, que podem ser a resultante dos factos, mas nunca serão o que as revoluções escreveram nas paginas impereciveis do direito publico moderno.

• Assevera-se que, quando um povo se corrompe e se abate pela influencia de um despota, cumpre-lhe renunciar o caminho da resistencia e para sempre banir a resurreição do direito.

• Como se não superabundassem testemunhos da fraqueza, os mais abalissados oraculos da opinião, proclamam, é penoso dizel-o, que cumpre receber sem mais exame, o presente grêgo, ou não, que o imperialismo offerece a este *mendigo de liberdade* chamado povo brasileiro.

• De nós nunca partirá semelhante conselho.

• Somos pela politica pratica, quando ella não implicar a humilhação.

• Estamos convencidos de que é preciso animar qualquer fibra de sentimento que ainda resta no coração deste povo.

• Ali collaboram acontecimentos mais eloquentes do que as imaginadas hypotheses de *sahidas governamentais*.

• E' preciso não perder de vista o papel que o tempo e os successos representam na vida das nações.

• Nada de impaciencias e de fraquezas prococes.

LITTERATURA. — Publicamos hoje na nossa secção litteraria um bonito trabalho do notavel poeta e prozador portuguez o Sr. Guerra Junqueiro, a proposito do grande historiadore Alexandre Herculano.

COMMANDO DA FRONTEIRA. —Consta-nos que na ausencia do Sr. tenente-coronel Benedicto Mariano de Campos, assumirá o commando d'esta fronteira o Sr. tenente-coronel bacharel Joaquim da Gama Lobo T'êja.

LITTERATURA

ALEXANDRE HERCULANO

Alexandre Herculano é uma d'essas figuras esculpturaes que, antes de desaparecerem em pó, reaparecem em bronze. Ainda vivo, nos ultimos annos, adquirita na penumbra heroica do seu isolamento como que a immobibilidade sagrada d'uma estatua.

Desde o dia em que, velho leão ensanguentado, se retirou de uma lucta sem treguas que dura'ra quarenta annos, para se ir esconder na benigna e pacificante tranquillidade da natureza, desde esse dia em que para quasi todos começa o esquecimento, começou para Alexandre Herculano a projecção gloriosa do seu genio — a immortalidade. E a sua rude figura valorosa ira' successivamente augmentando de proporções a' medida que fôr correndo o tempo, esse filtro desapaixonado, que separa a verdade crystallina, limpida, inalteravel, dos venenos da inveja, das fezes da calunnia, da baba hydrophoba dos ranciores magros e pestilentos.

Para medir a estatura de Herculano sera' necessario vê-lo de longe, a' distancia de um seculo. As grandes montanhas não se vêem ao pé.

**

Alexandre Herculano, antes de ter pegado n'uma pena, tinha pegado n'uma arma. O escriptor não foi mais do que o prolongamento do soldado. Nos seus pamphletos vulcanicos ouve-se a cada momento a denotação formidavel da pesada claviua de pederneira do cenco do Porto. Deu ainda mais tiros contra pena do que com a espingarda. A tinta com que escreveu essas polemicas era feita com o sangue dos adversarios e com o resto da polvora que lhe tinha ficado das campanhas da liberdade. A's vezes, depois de levar os inimigos a tiro, perseguia-os, lividos, em debandada, a's coronhadas. Defendeu a liberdade contra a tyrannia e contra o jesuitismo, contra o cutello e contra a hyssope.

**

O estilo de Alexandre Herculano é, permitta-se-me a expressão, a onomatopoeia do seu character: grandioso, leonino, apuixonado. É bronze torcido. A's vezes dentro de um periodo ha um ariete. Quando corta é um machado; quando rugue é um trovão. A colera de Herculano é uma espada de fogo com uma bainha de justiça. Herculano só tinha furias quando tinha razao. Matava um inimigo? Era para salvar uma victima. A victima era esta — a liberdade. Quando a atacavam, Herculano transformava-se em um tigre com a alma de um anjo. Rasgava, esmagava, esfaqueava. A's vezes ria. Os seus sarcasmos

fulminantes, cahiam sobre os preconceitos, como um caustico sobre uma chaga. Aquelle riso era a gargalhada transformada em azorrague; era a alegria no serviço da indignação. Quando Herculano seria de um adversario fazia-o chorar.

**

A historia de Portugal era como um enorme palacio desmantelado, com as janellas trancadas, as paredes fendidas pelos raios, cobertas de lepra, e onde ninguém ousa'ra penetrar com medo que desabassem aquellas podres escadarias monumentaes, que contavam ja' setecentos annos de existencia. Inspirava terror. Andavam la' dentro lobishomens, apparições lugubres, phantasmas com sudarios. As corujas e os miligres esvoaçavam sinistramente n'aquellas escuridoes supersticiosas. Os ratos tinham feito o ninho nas estantes; roiam os archivos. Ouvia-se o piar dos môchos e os assobios das cobras.

De quando em quando dizia-se que era preciso restaurar o grande monumento nacional, mas não havia artistas, não havia pedreiros que quizessem aventurar-se no meio d'aquelles entulhos tenebrosos.

Foi então que appareceu um homem extraordinario—Alexandre Herculano, que abriu a porta d'esse pardieiro monumental, que andou la' dentro durante vinte annos consecutivos a levantar as escadas, a limpar os moveis, a abrir as gavetas, a consultar os livros, a erguer as paredes, os tetos, as columnas, e que, depois de um trabalho incalculavel, sobre-humano, em que elle tinha sido tudo ao mesmo tempo—architecto, pedreiro, carpinteiro, paleographo, limpachamines depois de ter reconstruido enfim a parte mais deteriorada do edificio, veio a' sua dizer com simplicidade nos transeantes estupefactos: Podem entrar.

**

E sabeis o que aconteceram?

As cobras que Herculano mata'ra la' dentro não ficaram bem mortas, e abriram corôa, vestiram batina, e foram espiar o veneno dos pulpitos para baixo, sobre a alma mais sinceramente religiosa, sobre o espirito mais verdadeiramente christão que eu tenho conhecido.

As corujas que, sentindo os bassos do grande historiador, tinham voado esparvidas, foram pousar nos campanarios e nas sacristias segredando ao boatoeiro, que costuma fornecer-lhes o azeite — que um desalmado iconoclasta as tinha expulso do ninho em que viviam regaladamente ha mais de setecentos annos.

Os môchos, que sahiram pela janella quando Herculano entrou pela porta, andaram a piar em voz baixa pelos confessionsarios que aquelle homem devia ter entregue ao odio dos christãos, ja'

que infelizmente o não podia ser ao barão da forca.

O milagre de Ourique, desalojado da sua toca subterranea, andou pelas igrejas, pelos campos, pelos jornaes, pregou sermões, escreveu artigos, fez communicados, pediu assignaturas, debaten-se enfim como um Tartufo energumeno, a que acabassem de pôr a calva a' mostra.

E os ratos? Esses espalharam-se pela peninsula inteira, fizeram-se curas, missionarios, sachristas, jornalistas, e não satisfeitos de terem roído Herculano durante a vida, ainda agora, depois de morto apparece um d'esses animaesinhos odiosos e infectos, um velho rato carlista — "El siglo Futuro" — a enterros os dentitos anavallados no cadaver ainda quente do grande historiador portuguez. Sera' bom que junto da sepultura de Herculano se mande collocar um prato com arsenico.

**

Foi então que Herculano partiu para Valle de Lobos. Valle de Lobos é o exilio dentro da patria. Emigrou da sociedade para a natureza. O formigueiro humano encommoçava-o. A personalidade de Herculano era feita como uma estatua: de um só jacto, de uma só peça. Não comprehendia as nossas transigencias, os nossos opportunismos, as nossas restricções, enfim esta sociedade decadente e utilitaria baseada sobre o interesse, o egoismo, a letra de cambio.

Herculano era da raça dos gigantes de 1830. Depois d'isso viera uma raça de agiotas. Havia mais estradas, mais dinheiro, mais policia, mais tranquillidade, mais conforto, mas o nivel da moralidade, o character, esse foi descendo, descendo, até que parou exactamente na linha divisoria em que termina a virtude e começa o codigo penal. Os grandes sentimentos, os rudes heroismos, as nobres abnegações dormiam—e quem sabe se talvez para sempre!—nas campas obscuras em que estavam deitados os titans da epopeia da liberdade.

Herculano sentia-se só. Elle era no meio de tudo isto como um roble no meio de uma charneca. Os seus compatriotas davam-lhe pelo joelho. Depois tanto o morderam, tanto o contrariaram, que um bello dia Herculano, que estrangula'ra pantheras, mas que não estava disposto a catar pulgas, tomou a resolução inabalavel de se recolher deatto do silencio, como dentro de uma fortaleza. A's vezes de longe a longe ainda se sentia trovejar la' para as bandas de Valle de Lobos. Mas era um momento, passava. Herculano fora definitivamente vencido. Por quem? pelos pygmies. O rato mata'ra o elephante.

**

O enterro do primeiro cidadão como tuguez foi tão pobre e miseravel, por-

o seria o do ultimo. Os extremos tocam-se. Não censuro a falta de pompa theatral, a magica funebre. Quem foi simples na vida devia sel-o na morte. Não são os lacaios agaloados que fazem o luto.

O feretro de Herculano tinha obrigação de ser humilde, mas tinha tambem obrigação de ser acompanhado por uma mulher vestida de negro, banhada em lagrimas, que antigamente se chamava patria—e que hoje ja' não sei bem como se chama, porque nem tenho mesmo a certeza de que ella ainda exista. Vergonha eterna. A patria não chorou a morte de Herculano; a mãe não chorou a morte do filho. Se ainda aqui houvesse por ventura um forte e grandioso sentimento de nacionalidade, a morte d'esse grande homem, d'esse impecavel cidadão, deveria ter produzido em todos os espiritos um abalo tremendo, um terremoto de angustias.

Vai, espirito sublime, que não cabias em Portugal e cabes em sete palmos de terra! vai despir no teu sepulchro ignorado os andrajos ephemeros com que a Providencia veste as nossas almas immorredouras, e, como uma aguiá branca e gloriosa, some-te n'estas alturas inacessiveis d'onde se não podem ver as grandissimas misérias dos pequenos vermes d'este pequenissimo grão de areia.

E enfim, se os teus compatriotas, a' mingua de dôr, por um sentimento de ostentação te quizerem levantar um monumento grandioso, ja' lhes deixas preparado o material sufficiente para que o possam fazer ainda maior do que a mais alta das pyramides do Egypto. Basta que reünam para isso todas as pedras com que te apedrejaram.

Guerra Junqueiro.

ONDE ESTA'S?

E' meia noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento, que passa
Por meus cabellos fugaz:
" Vento frio do deserto,
Onde ella está? Longe ou perto?
Mas, como um halito incerto,
Responde-me o echo ao longe:
" Oh! minha'amante, onde esta's?...

Vem! E' tarde! Porque tardas?
São horas de brando somno,
Vem reclinar-te em meu peito
Com teu languido abandono!...
Sta' vasio nosso leito...
Sta' vasio o mundo inteiro;
E tu não queres qu'eu fique
Solitario n'esta vida...

Mas porque tardas, querida?...
Ja' tenho esperado assa's....
Vem despresa que eu deliro
Oh! minh'amante, onde esta's?...

Estrella—na tempestade,
Rosa—nos ermos da vida,
Iris—do naufrago errante,
Ilusão—d'alma descrida,
Tu foste, mulher formosa!
Tu foste, ó filha do céu!...
... E hoje que o meu passado
Para sempre morto jaz...
Vendo finda a minha sorte,
Pergunto aos ventos do norte....
"Oh! minh'amante, onde esta's?

Bahia.

Castro Alves.

A ROSA

Para em sua innocencia,
Entre a sarça espinhosa,
Purpurea esplende, inda em botão in-
tacto,

Na madrugada a rosa.
E' da campina a virgem
A pudibunda flôr;
Em seus effluvis matutina brisa
Bebe o primeiro amor.

O sol inunda as veigas;
Calou-se o rouxinol;
E a flôr ebria de gloria, a' luz fervente
Desabrochou-a o sol.

O sopro matutino
No seio seu pousa'ra:
Prostituida a' luz, fugiu-lhe a' brisa
Que a linda rosa ama'ra,

Bella se ostenta um dia:
Saudam-n'a as pastoras;
Dão-lhe mil beijos, gorgendo, as aves;
Vão do gozo as horas.

La' vem chegando a noite
E ella empallideceu:
Incessante prazer mirrou-lhe a seiva;
A rosa emmureheceu.

Desce o tufão dos montes
Os mantos sacudindo;
Desfallecida a flôr desprende as folhas,
Que o vento vai sumindo.

Onde estara' a rosa,
De prado a bella flôr?
O tufão que espalhou seus frageis restos,
Passou: não deixou trilha.

Da sarça a flôr virente
Nasceu, gosou e é morta:
E a qual l'esses amantes de um momento
Seu fado escuro inporta?

Nenhum, nenhum por ella
Gemeu saudoso a' tarde;
Não ha quem junte as derramadas folhas,
Quem amoroso as guarde.

Só da manha o sopro,
Passando no outro dia,
Da rosa, que ardeorou, quando a innocencia
Em seu botão sorria.

Junto do tronco humilde
O curso demorando
Veio depositar perdão, saudade,
Queixoso susurrando.

De quantas és a imagem,
Oh desgraça flôr!
Quantos perdões sobre um sepulchro
abjecto
Teia murmurado o amor!

Alexandre Herculano.

Vem

(INEDITA)

As andorinhas quando o sol esfria
Neste paiz onde os seus ninhos fazem,
Voam buscando regiões mais quentes
Donde mais vida na saudade trazem.

Tu tambem pôdes, como as andorinhas,
Depois dos vãos do deserto ingente,
Voltar dos gelos s'inda tens saudades
A' te aqueceres no meu seio ardente.

Volta, que é tempo: as estações variam
E o sol descanha, tudo passa: vem!
Deu-me a saudade mais affecto a' alma,
Deu-me a saudade muita dôr tambem.

E' tempo! é tempo, e a viração que sopra
E' fria e falla do sepulchro, Athéa,
Imita ao menos a andorinha d'alma
Vem! do teu ninho relembrar a idéa.

Dr. Joaquim Xavier da Silveira.

Publicações a pedido

Os Srs. do L.....

Os taes Srs. do L..... são realmen-
te impagaveis!
Oh! se são!

Querem passar por homens inde-
pendentes, ricos, sabichões e *tuti quan-
ti*...

E, entretanto, sahem corridos de um
paiz visinho, onde, por terem *muito
juizo*, envolverão-se com tudo e com
todos. (Que mania!) e vão assentar a
sua tenda... Onde suppões, leitor?
Que em Pariz, em Londres, em Was-
hington ou em Vienna d'Austria, onde
possão ostentar e fazer brilhar a sua
grande independencia, colossal riqueza
e rara sabedoria?

Qual!

Vem assental-a aqui, n'este esque-
cido recanto do imperio, onde não ha
quem os saiba e possa devidamente
apreciar!

Que gosto, na verdade, exquisito tem os Srs. do L.... Que excentricidade!

Sendo tão independentes, tão ricos e tão sabios... deixarem Pariz, Londres, Berlin e Washington, o emporio do luxo e da opulência, por Corumbá!

E, ainda mais, *descerem* d'esse cochêo (real e não phantastico) de independência, riqueza e sapiência, onde se asilão, para fazerem zumbaias e roda-pés a quem lhes não pode servir de nada, a pobresinhos commerciantes, que longe, muito longe, estão de lhesserem equiparados!

E' celebre!

Realmente, os Srs. do L.... são mesmo uns impagaveis!

Eu por mim, leitor, os aprecio e admiro tanto como se elles fossem uns *mascaras* de todo o anno, ou uns méros tipos de comedia....

Os despojos da G....
ou os milagres de S. Thiago.

A...

Eu amo o branco lyrio das campinas
Que nasceu innocente nos desertos.

A' luz de um sol ardente,
Amo a flôr que entrelaça os arvoredos
Das mattas virgens, desprendendo as
folhas

A' beira da corrente.

Eu amo o branco lyrio das campinas.
Que perfuma sómente a natureza

Na mouta do esquinhão,
Amo-o se o vejo a balouçar lascivo
A querer e não querer beijar os crespos
Das aguas na quebranto.

Amo a flôr que entrelaça os arvoredos,
Que cinge a côpa de gentis capellas
E se retrata ao rio;

Amo o silencio, a solidão dos bosques,
Seismo enlevado ao crepitar das lymphas
Ao doce murmúrio.

Eu amo o branco lyrio das campinas
Na mouta onde nasceu; finiu-lo aos sópros
Foge tremendo a se esconder d'amores;
Então, mais bello, a tremular nas hastes
Símilha a virgem nacarada aos beijos
A se mudar nas cores!

P. Serra.

CHISPAS.

Ha um jornal n'esta terra, que por
força quer roubar o nosso direito —
dizia uma senhora a outra.

Porque? Foi a pergunta.

Porque, ora tem babados, ora tem
conjunções... de lua.

Ah! maledicente! Então te impli-
cas com a folhinha?

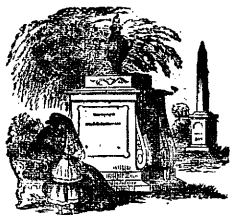
Podera não, se me põe de aviso em
entristerce todos os mezes!

E os babados?

Que lhe respondão os

Desconfiados.

ANNUNCIOS



O abaixo assignado tem a honra de convidar os seus amados parochianos, nacionaes e estrangeiros, para assistirem o funeral solemne, com missa cantada, para o descanso eterno do Summo Pontifice Pio Nono. Pai commun dos fieis, (f. m.) que terá lugar amanhã ás 7 horas na Igreja parochial. E convida tambem as irmandades da Candelaria e S. Benedicto.

Corumbá, 28 de Abril de 1878.

O Vigario Pregador Imperial

Fr. Mariano de Bagnaia.

ESCRAVO A' VENDA

O inventariante da herança de Firmiano Firmino Ferreira Candido vende, com licença especial do Juizo de Orphãos, o escravo de nome Vicente, que poderá ser visto na cadeia desta villa, onde se acha detido. Para tratar, no escriptorio do advogado Amancio Pulcherio, ou com o abaixo assignado, no largo de Santa Thereza (sobrado).

Corumbá, 26 de Abril de 1878.

Joaquim Ferreira Nobre.

Advogado

Amancio Pulcherio

Tem o seu escriptorio á rua de Lamare, em frente á typographia da Opinião.

Trata gratuitamente das causas de liberdade e dos presos pobres.

ATTENÇÃO

Vende-se uma porca com cinco leitões de dois mezes de nascidos, por commodo preço trata-se com innocencia José de Oliveira Victorio na rua do Sr. tenente-coronel Cunha venda da esquina.

AO COMMERCIO

Tendo comprado o activo e passivo da casa que girava n'esta praça sob a razão social de Marsans Torrô & C. supplicamos ás pessoas que tenham contas a cobrar da mesma, tenham a bondade de apresenta-las dentro do prazo de trinta dias, passado o qual não se attenderá a reclamo algum.

Corumbá, 3 de Abril de 1878.

p. p. *Jayme Cibils & Filhos.*

Ricardo Pettis.

Juan Calzada.



Funeraes de Pio IX

Os abaixo assignados, convidados pelo Illm. e Revm. Sr. Vigario Foraneo, Pregador Imperial, Frei Marianno de Bagnaia, para rogarem a todos os seus compatriotas e ás pessoas de suas relações, e ás suas Exmas. familias o piedoso obsequio de assistirem á fúnebre solemnidade que, em suffragio da alma do Summo Pontifice Pio IX, terá lugar ás 7 horas da manhã do dia 29 do corrente, na Igreja de N. Senhora da Candelaria, cumprem o dever de rogar, não sómente á essas pessoas, como a todos os catholicos aqui presentes, o obsequio de comparecerem á esse acto.

Corumbá, 25 de Abril de 1878.

Antonio Canale.

Manoel F. Selasco.

Manoel Gandolfo.

O ROMANCEIRO

Publicação semanal de romances, originaes ou traduzidos dos melhores autores; em formato grande a duas columnas com 16 paginas.

Assignaturas adiantadas, por semestre, 58000, por anno 103000. A importancia das assignaturas podem ser remetidas em carta registrada com declaração de valor á

Imprensa Industrial

20 Rua Nova do Ouvidor 20

RIO DE JANEIRO.

Typ. da -- Opinião -- de P. Moseller. - Rua de Lamara